

NOVAS TERRITORIALIDADES E IDENTIDADES CULTURAIS: O ENSINO DE ARTE E AS TECNOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS

Lucia Gouvêa Pimentel - UFMG

Resumo

O artista tem como uma de suas prerrogativas ser errante de ideias e processos. O ensino tem por norma ser uma forma sistematizada, sob o controle de um professor. O pesquisador tem por obrigação ir a fundo nas questões que investiga. Ser artista/professor/pesquisador exige investimento constante em cada uma dessas ações. Tendo como premissa que para ser professor de Arte é necessário ter uma prática artística e atividade de pesquisa, o trabalho de formação desse professor reveste-se de complexidade e importância redobradas. Questões como identidade cultural e adequação de escolha de trabalho com determinados artistas locais, regionais, nacionais ou internacionais são importantes para o alinhamento que se propõe no ensino de Arte ao mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Ensino de Arte; Cultura, Tecnologias Contemporâneas.

Abstract

One of the prerogatives of the artist is to be nomadic with respect to ideas and processes. Teaching normally complies with a systematic standard, under the teacher's control. The researcher has to delve deep into the questions being investigated. To be an artist/teacher/researcher requires constant investment in each of those activities. Because, in order to be an art teacher it is necessary to practise art and carry out research, the job of training art teachers assumes redoubled complexity and importance. Questions about cultural identity and making good choices with respect to working with particular artists, whether local, regional, national or international, are important for aligning what is proposed in art teaching with the contemporary world.

Key Words: Art teaching; Culture; Contemporary technologies.

Artista/professor/pesquisador

A dinâmica da produção artística refere-se a reflexos e incitações do pensamento humano, que se transmutam em formas, sons, cores, movimentos, gestos etc. E a arte contemporânea é, ao mesmo tempo, condescendência e contradição; apaziguamento e conflito; paridade e incongruência. O artista tem como uma de suas prerrogativas ser errante (nômade) de ideias e processos. O ensino tem por norma ser uma forma sistematizada, sob o controle de um professor. O pesquisador tem por obrigação ir a fundo nas questões que investiga.

As fontes de fruição, contextualização e experimento artístico são, em primeira instância, uma escolha dialogal entre: professores de Arte, escola e alunos em seus respectivos locais de trabalho. Há que se considerar que a provocação da experiência estética tem que incluir não só artes curatorially reconhecidas (de suma importância), como também são igualmente relevantes o artesanato, a arte popular, a arte de mídia eletrônica e outras. A tecnologia digital propicia novas formas de pensar e fazer arte. Para que isso aconteça, os alunos precisam entender a natureza dos instrumentos de arte e os meios de escolha.

As ações de artista, professor e pesquisador se formam não somente nos cursos universitários, mas também na prática diária de sala de aula, desde que o professor planeje e teorize sua prática. É preciso que o professor considere que teoria não é só o que os outros autores dizem ou escrevem, mas também o que ele próprio pensa sobre sua prática, discute e registra, revendo e renovando constantemente. Aliás, o registro e a divulgação da prática do professor são pontos importantíssimos para o avanço da construção de conhecimentos na área de ensino de Arte.

Novas territorialidades e identidade cultural

É possível falar em identidade cultural quando nos referimos à arte? Como pontuar a identidade de uma cultura?

Essas são perguntas que nos fazemos ao lidar com crianças e jovens de diferentes heranças culturais nas aulas de Arte.

As fontes de fruição, contextualização e experimento artístico são, em primeira instância, uma escolha dialogal entre: professores de Arte, escola e alunos em seus respectivos locais de trabalho.

O que pode ser proposto são referências para o balizamento dessas escolhas, a partir do momento em que os conhecimentos escolares nos proporcionam uma trajetória com vias amplamente abertas para que se possa percorrer, de acordo com o que se deseja alcançar com o ensino/aprendizagem de arte.

Nossa responsabilidade frente às nossas escolhas não se restringe a um processo educacional localizado apenas na sala de aula ou no contato escolar. Ela refletirá nossas próprias concepções enquanto indivíduos culturais e, portanto, políticos.

Os significados e os padrões culturais do cotidiano não são suficientes para garantir o aprendizado dos estudantes e ampliar seus horizontes. Propostas ou referenciais curriculares são necessários, mas por si só não são suficientes para o desenvolvimento de um projeto educacional que pretenda a formação integral do educando. Em arte, há necessidade de ampliarmos, em nossos alunos, o âmbito e a qualidade da experiência estética.

Isso significa que existe uma interlocução entre as propostas de construção elaboradas pelo educador e o respeito ao conhecimento trazido pelo aluno. A experiência estética já é desfrutada pelo indivíduo antes que ele entre para a escola.

Sendo a arte parte integrante da cultura, sua incorporação nas escolas é uma das estratégias mais poderosas para a construção de uma cidadania multicultural, já que facilita o conhecimento e o desfrute das expressões artísticas de diferentes culturas, o que submerge os alunos no reconhecimento e respeito à diversidade cultural e pessoal.

A vivência de experiências estéticas significativas depende de intencionalidade responsável, tanto na legitimação dos propósitos quanto na clareza do que se pretende avaliar ao final do tempo de trabalho.

É importante destacar o papel do ensino de arte na informação de suas premissas e valores, mas tão importante quanto é destacar esse ensino na construção da personalidade e valores do próprio sujeito aprendente. A arte deixa, pois, de ser uma ferramenta educacional para ser um motivo de vida e de exercício de cidadania.

É preciso pensarmos e agirmos em estratégias que contemplem a complexidade da arte/educação tanto em relação ao artista/professor/pesquisador que aprende enquanto ensina, quanto em relação ao educando, que constrói conhecimentos e vida cultural e pessoal nessa relação. As formas têm que ser múltiplas e criativas.

Fica a responsabilidade na formação de professores de Arte que sejam aptos a colaborar na tarefa de transformar o conjunto de conhecimentos e experiências em algo apreendido e aprendido como valor. Professores/artistas que sejam capazes de criar, produzir, pesquisar, teorizar, educar, provocar, refletir, construir trajetórias e aceitar desvios.

O ensino de Arte pode promover a valorização social da formação artística, em seus diferentes enfoques, níveis e modalidades, como campo específico de conhecimento que constitui e desenvolve a sensibilidade e a capacidade de criação dos povos, baseada na memória e renovação do patrimônio natural e cultural, assim como no reconhecimento da diversidade cultural.

Contamos com um rico patrimônio natural e cultural tangível e intangível que precisa ser respeitado e preservado em movimentos constantes e dinâmicos de ação. Cabe aos sistemas educativos propiciar acesso a esses bens culturais, de forma que novas formas de educação, novas estratégias e ações criem condições para a construção do presente e do futuro. É uma ação política que necessita de todos os envolvidos para ser levada a cabo.

Aprendizagens e saberes

Como área de conhecimento, Arte está ligada ao pensamento complexo, que, ao mesmo tempo que aciona os níveis mentais e sensitivos mais simples, elabora conexões e interrelações em todos os níveis, de forma muitas vezes não linear.

Os estudos recentes na área da aprendizagem têm demonstrado que várias são as formas de aprender. A aprendizagem, também, não é um fato individual, mas se realiza no coletivo, horizontal e verticalmente. Isso quer dizer que vários são os fatores que contribuem – ou não – para que uma criança aprenda. E esses fatores são das mais variadas ordens e a escola é o espaço instituído pela sociedade para sistematizar determinadas aprendizagens.

Contemporaneamente, estudos já demonstram que os estágios de desenvolvimento da criança, antes taxados como espontâneos, padronizados e de responsabilidade individual, acontecem de forma integrada com as aprendizagens a que ela está submetida. Isso muda o foco da questão, passando-a da condição individual para a condição coletiva. E mais: só acontece a aprendizagem quando há criação de sentido, isto é, quando a informação for significativamente consistente para que ganhe significância para a criança.

Repetir ou treinar habilidades que nada significam para o aluno não promove, portanto, aprendizagem. Há estudos que comprovam que o espaço para a

imaginação é o espaço mais propício para construção de conhecimentos. A teoria da Cognição Imaginativa ganha cada vez mais força na área da aprendizagem.

O ensino de arte, nos dias de hoje, não pode se abster do uso de tecnologias contemporâneas, quer seja na produção artística, quer seja nos estudos sobre arte. Desde a fase de registro escrito ou imagético, o uso de tecnologias participa da vida do artista/professor/pesquisador, mesmo que seja apenas como ferramenta. Já na fase de divulgação, a ferramenta pode vir a ser um instrumento de criação. A divulgação, tanto da produção quanto dos estudos, deve fazer parte integrante do processo de ensino, uma vez que é através dela que esse processo se dinamiza e reinicia constantemente.

A tecnologia digital propicia novas formas de pensar e fazer arte. Para que isso aconteça, os alunos precisam entender a natureza dos instrumentos de arte e os meios de escolha. Isso significa que é importante que façam exercícios para conhecer programas de tratamento de imagem, por exemplo, mas é essencial que pensem seu trabalho como sua própria produção artística, e não somente usem os recursos desses programas aleatoriamente.

Ao trabalhar com arte digital, algumas considerações devem ser feitas. É necessário pensar até que ponto é o equipamento que determina os resultados conseguidos e até que ponto esse resultado é o pensamento artístico do autor da obra. Também é necessário pensar se o uso do equipamento é a melhor escolha em relação aos meios de criação. Muitas vezes, o uso de técnicas tradicionais aliadas aos meios digitais é a melhor saída para a elaboração de uma obra.

É fundamental, portanto, no ensino de arte contemporâneo, que os alunos, através de pesquisas, observações, análises e críticas, possam conhecer e analisar os processos:

- dos produtores de arte - artistas;
- dos seus produtos - obras de arte;
- dos difusores tecnológicos da produção artística;
- dos públicos apreciadores de arte no âmbito da multiculturalidade.

Referências

- BARBOSA, Ana Mae. Dilemas da Arte/Educação como Mediação Cultural em Namoro com as Tecnologias Contemporâneas. IN: BARBOSA, Ana Mae (org.). *Arte Educação Contemporânea: Consonâncias Internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005.
- BARBOSA, Ana Mae. *Artes Visuais: da exposição à sala de aula*. São Paulo: EDUSP, 2006.
- BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos Utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.
- BOUGHTON, Doug. *Avaliação: da teoria à prática*. (IN) BARBOSA, Ana Mae. *Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005.
- LANIER, Vincent. Devolvendo Arte à Arte-Educação. IN: BARBOSA, Ana Mae. (org). *Arte-Educação: Leitura no Subsolo*. São Paulo, Cortez, 2002.
- MATURANA, Humberto. *Emoções e Linguagem na Educação e na Política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- MEIRA, Marly. *Filosofia da Criação: reflexões sobre o sentido do sensível*. Porto Alegre: Mediação, 2003.
- MOREIRA, Antônio Flávio. A importância do conhecimento escolar em propostas curriculares alternativas. IN: Universidade Federal de Minas Gerais/ Faculdade de Educação. *Educação em revista*. n 45, jun. 2007. Belo Horizonte: FAE/UFMG.
- ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS IBEROAMERICANOS. *Pressupostos 2007-2008*. Madrid: OEI, 2007.
- PIMENTEL, L. Gouvêa. Tecnologias Contemporâneas e o Ensino da Arte. IN: BARBOSA, Ana Mae. (org). *Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte*. São Paulo: Cortez, 2003.
- PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. Arte e Ciência. *Presença Pedagógica*, Porto Alegre, v. 12, n. 67, p. 78-80, Jan./Fev. 2006.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE – SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. *Desafios de ensinar e aprender: referenciais curriculares para a educação fundamental*. CD Rom, 2007.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: Técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.
- SOUZY, Donald. Não Existe expressão sem Conteúdo. . IN: BARBOSA, Ana Mae (org.). *Arte Educação Contemporânea: Consonâncias Internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005.

Lucia Gouvêa Pimentel

Professora Titular da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (EBA/UFMG). Doutora em Artes-Arte/Educação (ECA/USP). Membro da AMARTE, ANPAP,

FAEB, do CLEA, do Conselho Mundial da InSEA e do Comitê de Especialistas da OEI. Atua nas áreas de ensino de arte e tecnologias contemporâneas, gravura, formação de professores, currículo e metodologias de avaliação em arte e projetos culturais.